

D028

Alunos do bê-a-bê vencem
as limitações

Antônio: jornal do Brasília

Abr. 1990



Jornal/Revista:

JORNAL DE BRASÍLIA

22

Mês
ABRIL

Pág.

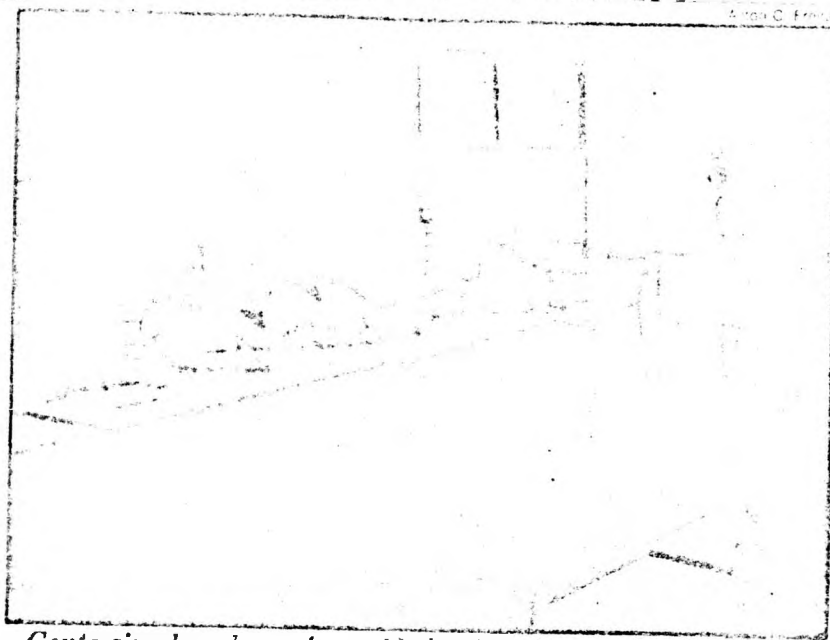
01

Assunto:

Alunos do bê-a-bá vencem as limitações

Adulto vive aventura do aprendizado

Os analfabetos têm uma grande vontade de aprender a ler e escrever, que chega a superar problemas como o da idade. É o caso de Raimunda da Silva Nazário, que aos 60 anos aprendeu a ler, escrever e a contar e agora frequenta o supletivo no Sesi da Ceilândia. Em salas de aula onde é aplicado o método Paulo Freire, gente pobre, de idade variada, descobre alegremente os fonemas e aprende a formar palavras que fazem parte de seu vocabulário cotidiano (Página 13)



Gente simples, de qualquer idade, descobre o valor das letras

Com dificuldades para atos simples como fazer compras ou tomar um ônibus, envergonhados muitas vezes de suas próprias limitações, os analfabetos têm uma grande ansia de aprender. É o que demonstram casos como os de Raimunda da Silva Nazário, que aos 60 anos aprendeu a ler, escrever e contar e agora frequenta o supletivo no Sesi, na Ceilândia. Em salas de aula onde é aplicado o método Paulo Freire, gente pobre, de idade variada, descobre alegremente o valor dos fonemas e aprende a formar palavras como "lote", que fazem parte de seu vocabulário cotidiano. Bem aparelhado de métodos, segundo a professora Maria Luiza Angelim, coordenadora do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos da UnB, o Brasil só mantém altos níveis de analfabetismo por falta de "vontade política".

M. Cavaleiro

"Revuluço", "melheilha", "ab-ci", "rua", "pato", "pele" — as palavras vão sendo postas no quadro, ditadas letras por letra pelos alunos, que aqui são chamados "colegas". Pouco depois, eles próprios localizarão e corrigirão os erros. Dona Inês Nunes Moreira, a auxiliar de cozinha da Embrapa, ri à farta e agita nervosamente, sob a carteira, o pé mal coberto por um chinelinho estampado.

Camisa vermelha, surrada, olhos de um azul esmaecido pelo tempo, o ex-carroceiro Lourival Alves Silva, 65 anos recém-feitos, observa com atenção cada movimento. Doente, ele aproveita a impossibilidade de trabalhar para ver se, desta vez, consegue aprender a ler e fazer contas. Ele diz que gosta do curso — está aprendendo, ao contrário do que aconteceu quando teve aulas do Mobral.

Mobral

O Movimento Brasileiro de Alfabetização é citado com críticas severas pelos educadores. Maria Luiza Angelim, a coordenadora do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos da UnB, lembra o que se chama "efeito Mobral": criado para erradicar o analfabetismo, esta instituição acabou por ampliá-lo. "O Mobral foi criado em 1970, e a taxa de analfabetismo do Brasil cresceu de 25,29% para 25,76% entre 1976 e 1987", diz a professora, citando uma de nossas imprecisas estatísticas, referentes a população com mais de cinco anos de idade.

CONTINUA



Universidade de Brasília

Assessoria de Comunicação Social

Recortes dos Mais Importantes Jornais e Revistas do Brasil

Jornal/Revista:

JORNAL DE BRASÍLIA

Assunto:

Data
22

Mês
ABRIL

Pág.
02

Diploma provoca emoção e orgulho

Segundo ela, é comum que as pessoas tenham a uma proposta de alfabetização perguntando se é do Mobral ou, mais simplesmente, "do tijolo". Se for, não aceitam, porque isto já não deu certo uma

vez. A expressão "do tijolo" tem origem no fato de que o Mobral, tomando emprestado uma faceta do Método Paulo Freire, começava por este termo o aprendizado. Hoje, na Ceilândia, a palavra número um é o "lote", e resulta de um levantamento do universo vocabular da satélite, feito previamente.

Voluntarismo

Quando se lançou a este programa, em 1985, a UnB pretendia trabalhar com normalistas, treinados na própria escola — mas a ação foi interrompida um ano depois, com a demissão de diretores eleitos, que se recusam a participar do chamado "programa irmãozinho" — um plano de complementação alimentar infantil considerado eleitoral e demagógico.

"Queríamos evitar o voluntarismo", diz a professora Maria Luíza, considerando que este ano não é um componente presente no esquema atual, em que a UnB colabora com instituições comunitárias, orientando programas de alfabetização conduzidos por jovens. "Todos são assalariados", argumenta. "Queremos que esta atuação seja profissional." E fato. Mas as palavras de Maria Madalena, a ex-freira de Ceilândia, não deixam de transparecer certo voluntarismo: "Queríamos trabalhar com educação em um sentido mais amplo. Alfabetizar é função do Estado. Mas se ele não a cumpre, alguém tem que sofrer para fazer isto", considera. Noite fechada, em uma sala de aula da Escola Classe número três, na Ceilândia, estimuladas pela coordenadora Luisa Abadia Teixeira Lemos, dona Inês, o ex-carroceiro Lourival e seus colegas vão dando forma final às palavras: "revolução", "melancolia", "abacaxi"...

Dona Raimunda, que se chama Geralda, aproveita a presença da repórter e manda recado ao Governo. Sua voz quer agora ir de Ceilândia Norte ao Planalto, dizer em letra de imprensa que é preciso dar mais valor e atenção ao ensino. "Como é que vamos ter um País com um bocado de analfabetos?", indigna-se a irrequieta anciã.

Os pequenos olhos azuis brilham na face de traços firmes, emoldurada pelo cabelos presos em um coque. Dona Raimunda conta como foi à UnB, dia 7, com mais 229 pessoas, receber o primeiro diploma de seus 60 anos de vida: o certificado de conclusão de um curso de alfabetização de quatro meses, promovido pelo Centro de Educação Paulo Freire, de Ceilândia, uma instituição independente, que atua sob supervisão da Universida-

de, e atualmente mantem seis turmas, com um total de 120 alfabetizando, na Ceilândia, Guará e Sobradinho. E onde ela sentiu também a emoção de fazer seu primeiro discurso. Na UNB, com voz amplificada e tudo, a professora Maria Luíza Angeline coordena o Programa de Alfabetização de Adultos e não deixa dúvidas: chegou sem de fato ao Planalto a indignação e o entusiasmo de dona Raimunda, e o

Brasil não gastaria sequer os 10 anos estipulados na Constituição para erradicar o analfabetismo.

Nome trocado

Dona Raimunda conhece como ninguém as dificuldades dos iletrados. Em sua cidade natal, no interior do Rio Grande do Norte, ninguém leu, 60 anos atrás, a recém lavrada certidão de nascimento, e seu nome ficou sendo Geralda, embora o documento rezasse o contrário. Descoberto, tempos depois, o inusitado equívoco, o antropônimo Raimunda ficou reservado para raros momentos formais, como o casamento e a entrega do solitário diploma. No dia-a-dia, por ele a cidade não atende: "Me chama Geralda, mas meu nome é Raimunda da Silva Nazário", explica.

Isto trouxe dificuldades a Maria Madalena Torres, uma ex-freira de 26 anos, que hoje gasta parte de seu tempo com alfabetização de adultos e teve-a entre seus alunos. "Eu chamava Raimunda e ninguém atendia. Custei um pouco a descobrir que era ela", conta a alfabetizadora, habituada a cenas surrealistas, como a do marido enfurecido, que foi arrancar a esposa da sala de aula, certo de que ali estava uma fonte pontencial de adultério.

Este tipo de atitude machista não é regra geral, mas também nada tem de incomum e reflete um pouco da situação da mulher no Terceiro Mundo: alijadas do processo produtivo e portanto mais afastadas dos meios de ensino, elas representam 60% dos analfabetos. Nos cursos de alfabetização, constituem maioria invariavelmente. Em uma das turmas, mantidas pelo Centro de Ensino Paulo Freire, na Zona Rural de Sobradinho, de 23 alunos 21 são do sexo feminino.

A possibilidade de fazer compras sozinho, andar de ônibus sem necessitar de ajuda e viajar sem as agruras de não saber ler uma placa informativa são as vantagens mais citadas em cursos feitos às vezes com muito sacrifício. "Tenho uma aluna que anda seis quilômetros para ir até a sala de aula", conta Ligia Santana Pereira, 23 anos, uma das fundadoras do Centro de Educação Paulo Freire — submetendo-se, ela própria a tomar quatro ônibus, saindo de Ceilândia às 9h30 da manhã, para coordenar uma turma de alfabetizando no interior de Sobradinho, onde há aulas das 14 às 16h00, as segundas, quartas e sextas-feiras, em troca de um salário mínimo mensal e passes de ônibus. (M.C.)

Estatísticas não são exatas

As estatísticas de analfabetismo contemplam a população com cinco anos ou mais. Outras computam apenas os analfabetos com mais de dez anos. E todas pecam por uma inexatidão de caráter conceitual: oficialmente, no País, é alfabetizado quem sabe desenhar o nome. É comum que pessoas, para efeitos estatísticos alfabetizadas, mal saibam "bordar" o nome e reconheçam apenas algumas palavras a cuja forma se habituaram. E há quem, por vergonha, iluda o recenseador. Apesar disto, os números dão uma noção de um quadro em que Brasília, ainda que com um índice pouco dignificante, ocupa posição privilegiada, no País onde calcula-se hoje que existam cerca de 32 milhões de analfabetos com mais de cinco anos de idade (M.C.)

Empresas fazem investimentos

S e pouco mudou, no quadro do analfabetismo, até aqui, o Ano Internacional da Alfabetização, patrocinado pela Unesco há em Brasília pelo menos um sinal alentador: exemplos ainda isolados parecem indicar uma preocupação mais sólida das empresas com o problema — e uma delas resolveu, em atitude pioneira, erradicar o analfabetismo de suas dependências.

Este passo está sendo dado pela Taguauto — revenda de automóveis do grupo Brasil — que contratou um dos coordenadores do Centro de Educação Paulo Freire, o professor Pedro Lacerda, de 22 anos, para alfabetizar todos os funcionários da empresa que ainda não sabem ler e escrever. E será seguido, em Sobradinho, pela Cimento Tocantins.

Esta indústria começou por se responsabilizar pelas despesas para a criação de uma classe na zona da Fercal, perto da satélite. Satisfeita com os resultados, já faz um levantamento interno, para em seguida proporcionar a seus empregados ainda não alfabetizados uma chance de aprender a ler, escrever e somar.

Nem sempre, porém, os alfabetizadores encontram a facilidade destes pequenos auxílios. Maria Madalena conta que em 1985, quando ela ainda participava do Grupo de Jovens em Busca de Algos Mais (Jebam), nome de sigla que hoje a fazem rir, havia grandes entraves para que as aulas acontecessem na Igreja da Glória, na Ceilândia. (M.C.)

CONTINUA



Universidade de Brasília

Assessoria de Comunicação Social

Recortes dos Mais Importantes Jornais e Revistas do Brasil

Jornal/Revista: JORNAL DE BRASILIA	Dia 22	Mês ABRIL	Pág. 03
Assunto:			

ÍNDICES MAIS BAIXOS

Estado	População	Analfabetos	%
Distrito Federal	1.045.750	97.004	9,2
Rio de Janeiro	9.123.000	877.004	9,6
Santa Catarina	2.685.996	283.453	10,5

* Dados de 1986. Fonte: IBGE (Analfabetos com cinco anos ou mais)

ÍNDICES MAIS ALTOS

Estado	População	Analfabetos	%
Acre	1.613.476	631.269	40,4
Piauí	1.348.548	652.652	48,4
Maranhão	2.614.696	1.144.352	43,8

Dados de 1986. Fontes: IBGE (Analfabetos com cinco anos ou mais)